



Artigo - Ed. 5/ Janeiro de 2010

OS PECADOS DO HAITI

Por: Eduardo Galeano

A democracia haitiana nasceu há pouquinho tempo. Em seu breve tempo de vida, essa criatura faminta e enferma não recebeu mais do que bofetadas. Era recém-nascida, nos dias de festa de 1991, quando foi assassinada pela quartelada do general Raoul Cedras.

Três anos mais tarde, ressuscitou. Após haver posto e deposto tantos ditadores militares, os Estados Unidos depuseram e puseram o presidente Jean-Bertrand Aristide, que havia sido o primeiro governante eleito pelo voto popular em toda a história do Haiti, e que havia tido a idéia maluca de querer um país menos injusto.

O voto e o veto

Para apagar as pegadas da participação dos EUA na ditadura carniceira do general Cedras, os membros da marinha sumiram com 160 mil páginas dos arquivos secretos. Aristide regressou logo em seguida. Teve permissão para recuperar o governo, mas lhe proibiram o poder. Seu sucessor, René Préval, teve quase 90% dos votos, mas qualquer mandão de quarta classe no Fundo Monetário ou no Banco Mundial tinha mais poder que Préval, ainda que não houvesse sido eleito com um único voto pelo povo haitiano.

Mais que o voto, pode o veto. Veto às reformas: cada vez que Préval ou algum de seus ministros pede créditos internacionais para darem pão aos famintos, letras aos analfabetos, terra aos camponeses, ou não recebem resposta, ou lhes respondiam ordenando:

- Recite a lição. E como o governo haitiano não termina de aprender que é preciso desmantelar os poucos serviços públicos que restam, últimos e pobres amparos para um dos povos mais desamparados do mundo, os professores davam o país por reprovado na prova.

O álibi demográfico

No final do ano passado, quatro deputados alemães visitaram o Haiti. Nem bem chegaram e a miséria do povo feriu os seus olhos. Então o embaixador da Alemanha lhes explicou, em Porto Príncipe, qual é o problema: - 'Este é um país super povoado', disse. A mulher haitiana sempre quer, e o homem haitiano sempre está sempre disposto.

E riu-se. Os deputados ficaram calados. Essa noite, um deles, Winfried Wolf, consultou as estatísticas. E comprovou que o Haiti é, juntamente com El



Salvador, o país mais povoado das Américas, mas que é tão povoado quanto a Alemanha: tem quase a mesma quantidade de habitantes por quilômetro quadrado. Em seus dias no Haiti, o deputado Wolf não foi ferido apenas pela miséria: também ficou deslumbrado pela capacidade de beleza dos pintores populares. E chegou à conclusão de que o Haiti está super povoado... De artistas. Na realidade, o alibi demográfico é mais ou menos recente. Até alguns anos atrás, as potências ocidentais falavam de modo mais claro.

A tradição racista

Os EUA invadiram o Haiti em 1915 e governaram o país até 1934. Retiraram-se quando alcançaram seus dois objetivos: cobrar as dívidas do City Bank e derrubar o artigo constitucional que proibia vender plantações a estrangeiros. Então Robert Lansing, secretário de Estado, justificou a ampla e feroz ocupação militar explicando que a raça negra é incapaz de se governar a si mesma, que tem "uma tendência inerente à vida selvagem, e uma incapacidade física de civilização". Um dos responsáveis pela invasão, William Philips, tinha incubado um tempo antes a sagaz idéia: "Este é um povo inferior, incapaz de conservar a civilização deixada pelos franceses".

O Haiti havia sido a pérola da coroa, a colônia mais rica da França: uma grande plantação de açúcar com mão de obra escrava. No *Espírito das Leis*, Montesquieu havia explicado sem papas na língua: "O açúcar seria excessivamente caro se não trabalhassem escravos na sua produção. Esses escravos são negros dos pés à cabeça, e têm o nariz tão achatado que é quase impossível apiedar-se deles. Parece impensável que Deus, que é um ser muito sábio, tenha posto uma alma, e, sobretudo, uma alma boa, em um corpo inteiramente negro".

Em contrapartida, Deus havia posto um chicote na mão do capataz. Os escravos não se distinguiam por sua vontade de trabalho. Os negros eram escravos por natureza, e preguiçosos também por natureza, e a natureza, cúmplice da ordem social, era obra de Deus: o escravo devia servir o seu senhor, e o senhor devia castigar o escravo, que não mostrava o menor entusiasmo na hora de cumprir com o desígnio divino. Karl von Linneo, contemporâneo de Montesquieu, havia retratado o negro com precisão científica: "Vagabundo, preguiçoso, negligente, indolente e de costumes dissolutos". Mais generosamente, outro contemporâneo, David Hume, havia comprovado que o negro "pode desenvolver certas habilidades humanas, como o papagaio que fala algumas palavras".

A humilhação imperdoável

Em 1803, os negros do Haiti deram uma tremenda surra nas tropas de Napoleão Bonaparte, e a Europa jamais perdoou essa humilhação infligida à raça branca. O Haiti foi o primeiro país livre das Américas. Os Estados Unidos haviam conquistado sua independência antes, mas tinham meio milhão de escravos trabalhando nas plantações de algodão e de tabaco.



Jefferson, que era dono de escravos, dizia que todos os homens são iguais, mas também dizia que os negros tinham sido, eram e seriam inferiores.

A bandeira dos livres foi alçada sobre as ruínas. A terra haitiana havia sido devastada pela monocultura do açúcar e arrasada pelas calamidades da guerra contra a França, e uma terça parte da população havia caído no combate. Então começou o bloqueio. A nação recém nascida foi condenada à solidão. Ninguém comprava dela, ninguém vendia a ela, e ninguém a reconhecia.

O delito da dignidade

Nem sequer Simón Bolívar, que supôs ser tão valente, teve a coragem de assinar o reconhecimento diplomático do país negro. Bolívar tinha podido reiniciar sua luta pela independência americana quando a Espanha já havia lhe derrotado, graças ao apoio do Haiti. O governo haitiano havia lhe entregado sete navios e muitas armas e soldados, com a única condição de que Bolívar libertasse os escravos, uma idéia que não havia ocorrido ao Libertador. Bolívar cumpriu esse compromisso, mas depois de sua vitória, quando já governava a Gran Colômbia, deu as costas ao país que lhe havia salvado. E quando convocou as nações americanas à reunião do Panamá, não convidou ao Haiti, mas convidou a Inglaterra.

Os Estados Unidos reconheceram o Haiti sessenta anos após o fim da guerra de independência, enquanto Etienne Serres, um gênio francês da anatomia, descobria em Paris que os negros são primitivos porque têm uma distância pequena entre o umbigo e o pênis. Então, o Haiti já estava em mãos de carniceras ditaduras militares, que destinavam os famélicos recursos do país ao pagamento da dívida francesa: a Europa havia imposto ao Haiti a obrigação de pagar à França uma gigantesca indenização, de modo a perdoar o país por ter cometido o delito da dignidade.

A história do assédio contra o Haiti, que em nossos dias tem dimensões de tragédia, é também uma história do racismo na civilização ocidental.

Fonte: <http://downloads.yahoo.com/ieak8/?l=e1>